

A CONCORDÂNCIA VERBAL NA FALA URBANA DE RIO BRANCO <sup>1</sup>

Dinah de Araújo RODRIGUES

**RESUMO** *No português falado no Brasil, a concordância verbal tem-se comportado propensa à regra variável. Em Rio Branco, há evidência dessa propensão. Com base nos princípios teóricos da Sociolinguística Quantitativa e das abordagens Funcionalistas, este trabalho mostra a variação da concordância verbal com sujeito de 3ª pessoa do plural, correlacionada com fatores lingüísticos e extralingüísticos, tendo como amostra as produções lingüísticas em situações orais, de falantes de classe social baixa e da mesma faixa etária, naturais e residentes na cidade de Rio Branco. Essa variação foi elucidada, por meio de análises de pesos relativos percentuais e frequências obtidas pelo Programa computacional Varbrul 2. Os resultados destacam como fatores lingüísticos que mais se correlacionam com a aplicação da regra de concordância verbal, na fala dos riobranquenses, as variáveis **Posição do sujeito em relação ao seu verbo**, e **Grau de saliência fônica na oposição singular/plural**. Como fator extralingüístico, a variável **Grau de escolaridade** é a que se correlaciona com a aplicação da regra de concordância verbal.*

**SUMMARY** *Verbal agreement in spoken Brazilian Portuguese has been viewed as a variable rule. Evidence in favor of this view is provided by the variety of Portuguese spoken in Rio Branco, the capital city of the state of Acre, in the Amazon. Having as theoretical basis the principles of Quantitative Sociolinguistics, this work discusses the variation in verbal agreement with third person plural subjects, which correlates with both linguistic and extralinguistic factors. The data base is recorded oral speech of inhabitants of Rio Branco of lower class and of about the same age. The variation process is highlighted by mean of analysis of the data derived through the use the Varbrul 2 program. The linguistic factors found to strongly correlate with the application of the verbal agreement rule, in the speech of the subjects, are the verb-subject position, and the phonetic saliency in the singular/plural opposition. The extralinguistic factor considered, namely level of schooling, has also proved to play an important role in the application of the rule.*

---

<sup>1</sup> Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 3 de dezembro de 1997, sob a orientação da Profª. Drª. Maria Luiza Braga.

Estudiosos da língua portuguesa têm demonstrado que, no uso real, o princípio de normatização de Concordância Verbal (doravante CV) nem sempre se aplica no português falado no Brasil, ou seja, formas binárias **presença vs ausência** de flexão verbal na marca de plural estão em constante competição. Neste artigo estudamos a variação da CV com sujeito de 3ª pessoa do plural, a partir das produções lingüísticas, em modalidade falada de cidadãos riobranquenses, tendo como objetivos:

1º - Descrever e explicar a variante não padrão do fenômeno de CV.

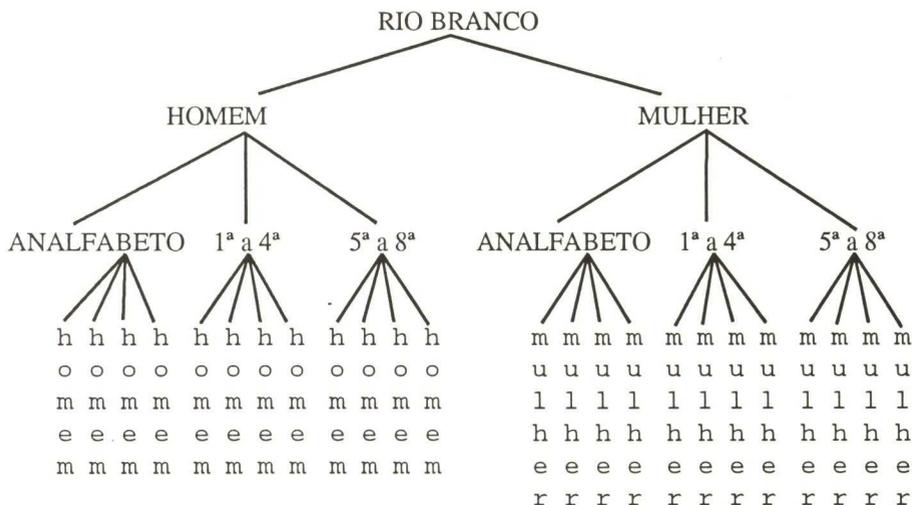
2º - Comparar os resultados obtidos em Rio Branco correspondentes à CV com outros constatados em outras regiões brasileiras.

Para não sermos repetitivos, apresentamos apenas uma definição geral de CV: “A solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na CONCORDÂNCIA, isto é, na variabilidade do verbo, para conformar-se ao número e pessoa do sujeito (Cunha,1975:339). Quanto a isso, há consenso entre os gramáticos da língua portuguesa.

Neste estudo, assumimos os princípios teóricos da Sociolingüística variacionista, implementados por modelo quantitativo respaldados em Labov (1972) que encara a variação como inerente ao sistema lingüístico e, desse modo, absorve a noção de heterogeneidade sem dissociá-la da noção de sistema. Assim vista, a variação não é aleatória mas sim sistemática, correlacionada com variáveis lingüísticas e extralingüísticas. A língua deve, então, ser estudada no contexto da sociedade. No Brasil, Lemle & Naro (1977) foram os primeiros a desenvolver estudos sobre a CV assentados nos modelos labovianos. Nessa mesma linha, Braga e Scherre (1976) contribuem com um trabalho pioneiro sobre a Concordância Nominal. A partir daí, especificamente sobre a CV, fluem outros relevantes trabalhos como os de Gryner (1977); Motta (1979); Guy (1981); Nicolau (1984); Bortoni Ricardo (1984); Nina (1980); Rodrigues (1987); Graciosa (1991); Scherre & Naro (1993).

Por outro lado, procuramos, sempre que possível, explicar alguns resultados sob o ponto de vista do Funcionalismo, corrente voltada para o estudo da língua em uso. Tem como proposta a verificação de como os usuários de uma língua natural se comunicam eficientemente (Neves, 1994). Busca, assim, preencher uma lacuna entre o estudo da língua e da comunicação, pretendendo dar à gramática um material direto, assentado na situação comunicativa (Nichols, 1984). Para Dik (1989), as expressões lingüísticas não são objetos funcionais arbitrários, mas têm propriedades sensíveis e codeterminadas por determinantes pragmáticos da interação humana. Para Halliday (1985), a organização semântica se realiza em torno do texto ou discurso.

A amostra consta de 24 falantes de Rio Branco - AC e foi distribuída em “células”, cada uma delas composta de quatro indivíduos com características sociais semelhantes, como demonstra a árvore a seguir:



Os informantes selecionados, por sua vez, preencheram os seguintes requisitos:

1. estar na faixa etária de 20 a 35 anos. Dada a impossibilidade de trabalhar com um *corpus* de maior abrangência, decidimos sacrificar, temporariamente, a variável idade, a fim de obter um número de células mais confiável;

2. ter nascido em Rio Branco e daí não se ter ausentado por mais de dois anos antes da idade de 7 anos. Isso se justifica pelo fato de, até essa faixa etária, a criança sofrer mais influência da fala de outras pessoas; ao passo que, a partir dos oito anos em diante, ela tende a preservar os hábitos lingüísticos adquiridos até então;

3. pertencer à classe sócio-econômica baixa, conforme critérios estabelecidos no “*Perfil sócio-econômico da cidade de Rio Branco - SEBRAE, 1991*”, embora saibamos que definição de classe seja assunto bastante polêmico. Segundo Naro (1986), há “dificuldade de se definir claramente o conceito de classe social tal como ela se nos apresenta na sociedade brasileira”.

Analizamos 1350 estruturas com sujeito de 3<sup>a</sup> pessoa de plural, nos níveis oracional e textual, que compõem um corpus correspondente a aproximadamente 24 horas de gravação de entrevistas. Essas estruturas provêm do banco de dados do Projeto Estudo da Fala Urbana de Rio Branco - EFURB, vinculado ao Departamento de Letras da Universidade Federal do Acre - UFAC, desenvolvido a partir de 1995 por três pesquisadoras: Carvalho<sup>2</sup>, Paiva<sup>3</sup>, e eu

Respalhada em trabalhos empreendidos por Lemle & Naro (1977) e Rodrigues (1987), entre outros, considerando tanto as forças de natureza lingüística como as de natureza extralingüística, postulamos que a aplicação da regra de CV se correlaciona com a posição do sujeito, com o aspecto morfofonêmico do verbo na oposição

<sup>2</sup> CARVALHO, Raimunda Coelho de. Professora da UFAC - Mestre em Lingüística.

<sup>3</sup> PAIVA, Jaqueline Rodrigues. Professora da Rede Estadual de 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> graus - Mestranda em Lingüística.

singular/plural, com a constituição do sujeito e ainda com as características sociais do falante.

Explicitando as variáveis lingüísticas:

a) Quanto à Posição do sujeito:

- Em língua portuguesa, estando o verbo imediatamente antecedido pelo sujeito, há mais chance de a concordância efetuar-se de acordo com os cânones preconizados pela gramática tradicional; ao passo que o caso de posposição do sujeito não se correlaciona com a aplicação dessa regra.

b) Quanto ao Aspecto morfofonêmico do verbo:

- A maior freqüência de aplicação da regra padrão de CV ocorre nos casos em que a oposição singular plural das formas verbais é, do ponto de vista fonético, mais saliente.

c) Quanto à Constituição morfológica do sujeito:

- A não explicitação do sujeito, isto é, o sujeito oculto correlaciona-se com a aplicação da CV exigida pela norma padrão do português.

Explicitando as características sociais:

a) Quanto ao Sexo:

- As mulheres tendem a aplicar mais a regra de concordância verbal nos moldes da língua padrão do que os homens.

b) Quanto ao Grau de escolarização:

- Os falantes mais escolarizados aplicam mais freqüentemente a regra prevista pela tradição gramatical.

A seguir apresentamos o detalhamento das variáveis e suas respectivas variantes:

A variável Posicional abrange as variantes que constam no quadro 1:

Quadro 01 - Variável Posicional

VARIÁVEL	VARIANTE
Posição do Sujeito	- imediatamente antes do verbo - pré-verbal + ou - próximo do verbo - expresso em oração anterior - pré-verbal distante do verbo - pós-verbal

Com relação à variável Posicional, estabelecemos os seguintes critérios:

1. Sujeito imediatamente antes do verbo, quando entre este e o núcleo do primeiro não permeia qualquer palavra, mesmo que seja de uma única sílaba, com exceção dos pronomes átonos considerados clíticos verbais;

2. Sujeito mais ou menos próximo do verbo, se entre esses elementos se intercalam pausa precedida ou seguida de palavra com uma ou até três sílabas, palavra ou palavras com até quatro sílabas;

3. Sujeito distante e pré-verbal se entre ele e a forma verbal interpõem-se palavra ou palavras a partir de cinco sílabas;

4. Sujeito expresso em oração anterior, quando este está fisicamente ausente numa oração cujas formas verbais se referem a um sujeito explícito em oração anterior.

5. Sujeito pós-verbal abrange tanto o que está posposto imediatamente, mais ou menos próximo ou distante do verbo;

Para seleção da variável Morfofonêmica, consideramos a ascendente saliência fônica da oposição singular/plural, adotando a hierarquia de categorias utilizadas por Lemle & Naro em *Competências* (1977), dividida em classes e distribuída em dois níveis:

a) No 1º nível, constam os pares cujo elemento diferenciador, ou seja, a desinência é átona, coincidindo, portanto, o acento na raiz de ambas as formas singular e plural, de acordo com o quadro 02:

Quadro 02: Variável Morfofonêmica - variantes: descrição das classes do 1º nível

1º NÍVEL	VARIANTE
<b>Acento</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Classe de verbo regular: a oposição se realiza pela presença de vogal oral no singular e da vogal ou ditongo nasais ou alternância vocálica no plural, em ambas desinências átonas: come/comem ([-i / -i, -i]); fala/falam, falava/falavam ([-a / -aw / -u, -u])</li> </ul>
<b>na</b>	
<b>Raiz</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Oposição realizada pela adição de uma vogal possivelmente nasalizada ou ditongo nasal átonos à forma verbal do singular: faz/fazem, quer/querem ([-Ø / -i, -i])</li> </ul>

Os exemplos dessas classes, conforme constam em nosso *corpus*, são os seguintes:

- Acentuação no radical, nasalização da vogal átona final:
  - (01) às vezes eles *fala* (012RBMAR)
  - (02) eles logo *falam*... essa tem estudo (002RBMUM)
  - (03) eles *tavam* quereno elegê esse Flaviano Melo (001RBHEA)
  - (04) as pessoas que *tarra* perto deles... (015RB Mag)
  - (05) e os ói dele já *era* aí quando (012 RBMAR)
  - (06) mas os melhores momentos *eram* quando faziam o gol (017RBMUF)
- Acentuação no radical, presença ou ausência da vogal nasal átona final:
  - (07) elas não *quere* eh... o cara não... (001RBHEA)
  - (08) elas *qué* sabê se o cara tem diNêro (001RBHEA)
  - (09) que eles *fazem* uNa campanha direcionada a alguém (003RBHUj)
  - (10) eles num *faz* nada (012RBMER)

b) No 2º nível, encontram-se os pares cujos segmentos fonéticos recebem acento em pelo menos um dos morfemas do elemento diferenciador, como no quadro 3:

Quadro 03: Variável Morfofonêmica, variantes: descrição das classes do 2º nível.

2º NÍVEL	VARIANTE
<p><b>ACENTO</b></p> <p><b>DESINENCIAL</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nos pares em que uma vogal oral tônica no singular se opõe a um ditongoônico nasal no plural: dá/dão; está/estão ([-á / -ãw]);</li> <li>• Formas de pretéritos regulares em que o acentoônico recai na vogal temática de ambos os elementos em oposição: falou/falaram ([-áru, -áru]); vendeu/venderam ([-éru/ -éru]); partiu/partiram ([-fru, -fru]);</li> <li>• Formas de pretéritos irregulares cuja oposição se realiza pelo deslocamento do acentoônico do radical no singular para a vogal temática no plural, com variação do grau de abertura da vogal tônica: fez/fizeram, trouxe/trouxeram, quis/quiseram ([-eru/, -eru])</li> <li>• Singular e Plural se distinguem completamente. Caso único: é/são</li> </ul>

Exemplos:

- Vogal tônica oral no singular vs ditongoônico nasal no plural :
  - (11) esses usos de droga *tá* MATANO (004RBME<sub>m</sub>)
  - (12) todos eles *estão* estudano (004RBME<sub>m</sub>)
  - (13) as crianças também num *vai* vivê só presa (017RBMUF)
  - (14) os alunos (...) *vão* correno pra Delegacia de Menó (017RBMUF)
- Acentuação na terminação, desinências distintas:
  - (15) que *morreru* muitas pessoas (009 RBHEQ)
  - (16) e *morreu* muitos (009RBHEQ)
  - (17) três que... *pegô* também dessa pessoa (013RBHAE)
  - (18) pai e filho [ ] *pegaru* um carro (007RBHAC)
- Acentuação na terminação, desinências distintas e mais alguma irregularidade.
  - (19) os médico *tiveru* que depois (004RBMEn)
  - (20) meus filhiNo não *teve* ropa nova (004RBMEn)
  - (21) que eles *fez* af... o último gol (012RBMAR)
  - (22) té agora eles ainda num *fizeru* nada (020man)

A variável Constituição do sujeito abrange as variantes que constam no quadro 04:

Quadro 04: Variável Constituição morfológica do sujeito

VARIÁVEL	VARIANTE
Constituição	- oculto ou subentendido
Morfológica	- núcleo pronome pessoal explícito: eles/elas - núcleo substantivo com marca de plural. Ex.: os amigos
do	- núcleo sem marca de plural mas com determinante marcado. Ex: meus filho. - núcleo pronominal: indefinido, possessivo, demonstrativo, de tratamento; numeral: todos, meus, essas, vocês, dois.
Sujeito	- pronome relativo <i>que</i> com antecedente plural. - dois ou mais núcleos no singular ou no plural.

Excluíram-se de nossas análises casos de CV que envolvem sujeito de verbo: 1. no **infinitivo pessoal**; 2. de oposição do tipo **tem/têm, vem/vêm**, cuja pronúncia se confunde por serem essas formas homófonas ou quase homófonas; 3. que indicam não **explicitude do sujeito**; 4. existencial que indica **inexistência do sujeito**; 5. que se relaciona com o sujeito **um dos que** por se referir a uma expressão quantitativa acompanhada de nome no plural. Esses mecanismos serão abordados oportunamente quando ampliarmos este estudo.

Através da utilização do programa VARBRUL 2S (cf. Sankoff, 1975), obtivemos as seguintes informações:

1. cálculo percentual e peso relativo de aplicação da regra em face de cada fator proposto;
2. seleção, por ordem de importância, dos grupos de fatores pertinentes “loglikelihood test”, que confirmam a relevância estatística das categorias escolhidas;
3. fatores desconsiderados por não se correlacionarem com a aplicação da regra;
4. efeitos do cruzamento de grupos de fatores.

Para caracterização número-pessoal e modo-temporal dos sujeitos de 3ª pessoa de plural, considerados como padrão ou não-padrão, baseamo-nos em Rodrigues (1987:157-158). Assim, consideramos aplicação da regra padrão de CV quando o elemento verbal analisado tiver marca de 3ª pessoa de plural /N/, como em *falam* ou *falaram*, mesmo que esta marca apresente alomorfa fonológica: como em *falum* ou *falarum*, podendo essa desinência se apresentar também desnasalizada, como em *falu* ou *falaru*. Exemplos dessa natureza podem ser observados em (2) e (22). As formas verbais não-padrão são as de 3ª pessoa do singular, não marcadas, como em (17).

A aplicação desses pressupostos teóricos e metodológicos levaram-nos aos seguintes resultados.

No concernente à variável Posicional, vejamos a tabela 1:

Tabela 01 - Variável Posicional: frequência, porcentagem e peso relativo da aplicação de CV.

VARIANTES	FREQÜÊNCIA	P.R.
Sujeito imediatamente antes do verbo	354 / 535 = 66 %	.58
Sujeito anteposto e separado do verbo	414 / 766 = 57 %	.49
Sujeito pós-verbal	18 / 89 = 20 %	.17

INPUT .61

SIGNIFICANCE = .045

Pela tabela 01, observamos que, estando o sujeito antes do verbo, há mais chance de a concordância se realizar. Entretanto, as correlações de CV aumentam se o verbo está imediatamente precedido pelo sujeito. Assim temos ratificada a primeira hipótese. De igual modo, o baixo peso relativo correspondente ao sujeito posposto condiz com o postulado, qual seja: o sujeito em posição pós-verbal não se correlaciona com a regra padrão de CV.

É possível que as correlações com a falta de CV, em se tratando da posposição do sujeito, deva-se ao fato de esse elemento preencher, na sentença, o lugar reservado ao objeto direto e, em razão disso, absorver, muitas vezes, as características desse objeto. Segundo Pontes (1986:173):

Se examinarmos os objetos diretos em português, veremos que o SN posposto tem mais traços de objeto do que de sujeito. Em primeiro lugar a posição pós-verbal. Além disso, semanticamente, está mais para paciente do que para agente: tipicamente inanimado, indefinido.

A variável posicional pode, muitas vezes, ser explicada sob bases funcionalistas. Halliday (1985) admite a existência de um estreito inter-relacionamento entre posição e *status* temáticos, partindo do pressuposto de que o tema seja identificado a partir de critérios posicionais.

Carvalho (1997) mostra a relevância da posição, ressaltando que:

A posição cruzada com Tonicidade, Número de sílabas, Classe gramatical, e Marcas precedentes apresenta resultados bastante interessantes, no sentido de que evidencia uma tendência generalizada de garantir a informação de plural no primeiro elemento do SN.

Em se tratando do aspecto morfofonêmico, examinemos a tabela 02:

Tabela 02 - Frequência e peso relativo da aplicação da regra de CV em face da Saliência fônica na oposição singular /plural.

NÍVEL VARIANTE		FREQÜÊNCIA	P.R.
2º	. fez /fizera, quis /quiseram	39 /44 = 89 %	.88
	. falou/ falaram, vendeu/venderam, foi/foram	129 / 172 = 75 %	.78
	. dá /dão, está /estão, é/são, vai/vão	234 /311 = 75 %	.73
1º	. faz/fazem, quer/querem, diz /dizem	57 / 107 = 53 %	.36
	. fala /falam, vende /vendem, falava/falavam	327 / 716 = 46 %	.32

INPUT .61

SIGNIFICANCE = .045

Pela tabela 02 verificamos que é notável a diferença entre as variantes do 1º nível e as do 2º; nestas, em que os pares cuja oposição singular/plural é mais saliente, as correlações de CV são consistentemente muito elevadas, elevando-se ainda mais com as variantes *quis/quiseram*. Ao contrário, são baixos os pesos relativos associados às variantes atinentes ao primeiro nível.

Desse modo, ratifica-se a hipótese de que a maior freqüência da aplicação da regra de CV ocorre nos casos em que a oposição singular/plural é, do ponto de vista fonético, mais saliente. De igual modo, confirma-se a hipótese de que quanto menor é o grau de saliência fônica, menos provável é a aplicação da regra. Isso se justifica pelo fato de a supressão da vogal nasal no final de palavras ser fenômeno muito freqüente não só em verbos, mas em outras palavras da língua portuguesa falada no Brasil. Isso pode ser depreendido no próprio *corpus*, como é o caso de *bandidage* por *bandidagem*. Todavia, no caso dos nomes não há implicações sintáticas, pois a marca de plural aparece no determinante.

Vejam os agora, na tabela 3, o cruzamento entre as variáveis Saliência fônica e Escolarização:

Tabela 03 - Frequência da aplicação da regra de CV segundo a Saliência fônica e Escolaridade.

Nível Saliência fônica		Escolaridade	Frequência
2º	. fez / fizeram	Analfabeto 1ª à 4ª série 5ª à 8ª série	14 / 15 = 93% 16 / 18 = 89% 9 / 11 = 82%
	- falou / falaram	Analfabeto 1ª à 4ª série 5ª à 8ª série	50 / 71 = 70% 33 / 45 = 73% 46 / 56 = 82%
	- dá / dão	Analfabeto 1ª à 4ª série 5ª à 8ª série	72 / 92 = 78% 72 / 106 = 68% 90 / 113 = 80%
1º	. faz / fazem	Analfabeto 1ª à 4ª série 5ª à 8ª série	7 / 33 = 21% 24 / 42 = 57% 26 / 32 = 81%
	. fala / falam	Analfabeto 1ª à 4ª série 5ª à 8ª série	70 / 230 = 30% 100 / 243 = 41% 157 / 243 = 65%

CHI - SQUARE FOR TOTALS = 11.767

SIGNIFICANCE = .001

Através da tabela 03, observamos, com relação às classes verbais do 1º nível, que, à medida que o informante cresce em escolaridade, tanto mais ele aplica a regra de CV, como mostram os resultados correspondentes às classes *faz/fazem*, *fala/falam*. Em se tratando, porém, do 2º nível, essa proporcionalidade por escolaridade permanece, apenas, nos pares verbais do tipo *falou/falaram*, cujos pesos percentuais foram bastante expressivos. Nos demais fatores, esses pesos oscilam.

Desse modo, podemos admitir que a variável Saliência fônica para aplicação da regra de CV independe do grau progressivo de escolaridade, quando se trata do 2º nível, mas é crucial quando relacionada com o 1º. Note-se que até os analfabetos flexionam significativamente as formas verbais que apresentam maior grau de perceptibilidade fônica na oposição singular/plural, culminando com 93% quando se trata dos pares do tipo *fez/fizeram*. Esse comportamento lingüístico se explica pelo Princípio da Saliência Fônica que defende a tese de que as formas mais salientes e, por essa razão, mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes, (Lemle & Naro, 1977).

A tabela 04 a seguir diz respeito à Constituição morfológica do sujeito.

Tabela 04 - Frequência e peso relativo da aplicação da regra de CV, de acordo com a Constituição do sujeito.

VARIANTE	FREQÜÊNCIA	P.R.
. pronome pessoal eles /elas	337 / 464 = 73 %	.65
. sujeito oculo ou apagado: Ø	298 / 515 = 58 %	.51
. núcleos plurais com determinantes marcados	96 / 199 = 49 %	.42
. SNS com marcas de plural só em determinantes	52 / 157 = 33 %	.22
. sujeito com dois ou mais núcleos	.3 / 20 = 15 %	.11

INPUT .61

SIGNIFICANCE= .045

Pela tabela 04, observamos que as correlações de CV aumentam mais quando o sujeito aparece representado, na oração, pelo anafórico *eles/elas*.

Inicialmente, aventamos a hipótese de que a não explicitação do sujeito na oração, fosse variante que mais se correlacionasse com a aplicação da CV, pois, segundo Rodrigues (1987:169), “se o sujeito não se encontra na frase, a desinência verbal não é redundante, e as relações entre o verbo e o seu sujeito extra-sentencial só podem ser estabelecidas por meio da concordância”. Entretanto, nesta pesquisa os resultados demonstraram que as correlações de CV são mais acentuadas com a presença física do sujeito *eles/elas*.

Com relação às variantes núcleo substantivo plural (com todos os elementos do SNs marcados) e só determinante com marca de plural, verificamos que, embora seus respectivos pesos relativos sejam irrelevantes, os falantes aplicam mais a regra padrão quando todos os elementos do SN sujeito são marcados do que quando só o determinante leva marca de plural, apresentando diferença significativa de .20 entre essas duas variantes. Isso só convalida o princípio de que marcas levam a marcas, defendido por Naro (1981) e Scherre & Naro (1993).

Passemos a examinar como se comportam as variáveis extralingüísticas no processamento da CV na fala dos riobranquenses:

Observemos, a seguir, a tabela 05 que trata da variável Sexo:

Tabela 05 - Frequência e peso relativo da aplicação da regra de CV da variável Sexo

VARIANTE	FREQÜÊNCIA	PESO RELATIVO
. homem	282 / 533 = 53 %	.46
. mulher	501 / 808 = 62 %	.53

INPUT .61

SIGNIFICANCE = .045

Conforme a tabela 05, os resultados demonstram que homens e mulheres apresentam resultados bastante aproximados, com uma pequena diferença de 9% em porcentagem e .07 de P.R. a favor das mulheres. Embora essa diferença seja irrisória, julgamos precipitado desconsiderar a hipótese segundo a qual as mulheres tendem a aplicar mais a regra de CV do que os homens, pois precisaríamos, talvez, alargar o *corpus* desta pesquisa para um julgamento mais seguro.

A propósito disso, Carvalho (1997), trabalhando com a Concordância Nominal no mesmo *corpus* utilizado por nós, obteve resultados inversos aos nossos, com a diferença de que três dentre os nossos informantes são outros que não os dela. Para ela, são os homens que aplicam mais a regra do que as mulheres, com uma diferença de .18 entre ambos. Ao fazer um levantamento da profissão de cada informante, a fim de encontrar respostas que justificassem tais resultados, concluiu a pesquisadora que “os homens se aproximam mais da forma culta, pelo fato de terem oportunidade de interagir com outros grupos sociais, enquanto as mulheres confinadas nas lides domésticas, interagem, em grande maioria, com os vizinhos que também pertencem à classe social baixa.”

Reportando-nos à variável Grau de escolaridade, encontramos os resultados na tabela 06:

Tabela 06 - Frequência e peso relativo da aplicação da regra de CV, de acordo com a variável Grau de escolaridade.

VARIANTE	FREQÜÊNCIA	P.R.
. 5ª à 8ª série	328 / 455 = 72 %	.66
. 1ª à 4ª série	245 / 459 = 54 %	.44
. Analfabetos	213 / 441 = 48 %	.40

INPUT .61

SIGNIFICANCE = .045

Os resultados na tabela 06 evidenciam que os informantes das quatro últimas séries aplicam mais a regra de concordância do que os de até a 4ª série de 1º grau e os analfabetos. Por sua vez, os pesos percentuais da CV entre os falantes das quatro primeiras séries do primeiro grau e os analfabetos são baixos, com uma tênue vantagem de .04 dos primeiros sobre os últimos. De qualquer forma, os resultados corroboram a hipótese de que a escolarização em nível crescente se correlaciona com a aplicação da regra prevista pela gramática normativa.

No cruzamento entre Sexo e Escolaridade, detectamos os resultados que se encontram na tabela 07:

Tabela 07 - Frequência da aplicação da regra de CV, segundo as variáveis Sexo e Grau de escolarização.

VARIANTE	Analfabeto	1ª à 4ª	4ª à 8ª
Homem	98 / 217 = 45%	95 / 185 = 51%	91 / 137 = 66%
Mulher	115 / 224 = 51%	150 / 269 = 56%	237 / 318 = 75%

CHI - SQUARE FOR TOTALS = 34.242

SIGNIFICANCE = .000

Pela tabela 07, percebemos que homens e mulheres aplicam tanto mais a regra de CV do padrão privilegiado quanto mais se eleva o grau de escolarização. Comprovamos, desse modo, que o crescente grau de escolarização é fator que se correlaciona com a aplicação de regra de CV para ambos os sexos. Todavia, em qualquer nível escolar, as

mulheres aplicam um pouco mais a regra do padrão culto do que os homens, principalmente quando se trata de 5ª a 8ª série.

A apuração desses resultados evidenciaram, de um lado, que as correlações com a aplicação da regra de CV na fala popular de Rio Branco ocorrem:

a) com o sujeito em posição prototípica *sujeito/verbo*, porém as chances de essa CV se efetuar aumentam, tanto mais o sujeito anteposto se aproxima do verbo que com ele se relaciona;

b) com as formas verbais cujos segmentos fonéticos recebem acento em, pelo menos, um dos morfemas do elemento diferenciador, as classes verbais do 2º nível. As correlações de CV aumentam mais ainda quando se trata da classe verbal de pretérito irregular, em que a oposição número pessoal se realiza pelo avanço do acento tônico do radical para a vogal temática, com maior grau de abertura da vogal tônica, como em *fez/fizeram*;

c) com a presença física da variante *eles/elas*, quando se trata da variável Constituição do sujeito. Porém quando o núcleo do sujeito é um nome, mesmo que tenham apresentado pesos irrelevantes, notamos que a retenção das flexões verbais ocorrem muito mais nos casos em que todos os elementos do SN são flexionados do que quando apenas o determinante está no plural.

d) com a escolarização em nível mais elevado, (neste trabalho, as quatro últimas séries do primeiro grau).

e) com o Sexo feminino, embora homens e mulheres apresentem resultados muito próximos.

Por outro lado, não se correlacionam com a aplicação da regra de CV:

a) O sujeito posposto ao verbo. Do ponto de vista funcional, considerando a evidência de que a ordem predominante no português atual é *sujeito/verbo/objeto*, talvez a inversão do sujeito leve a uma interpretação ambígua, dada a possibilidade de esse elemento ser interpretada como objeto por ocupar, na sentença, o lugar reservado a este termo. Assim atribuindo ao sujeito a falsa função de objeto, obviamente a flexão verbal tornar-se-ia dispensável.

b) As formas verbais com incidência tônica na raiz, cujo elemento diferenciador é a desinência átona. Ressalvam-se os casos que se relacionam com as últimas quatro séries do primeiro grau. Desse modo, corrobora-se o princípio defendido por Naro (1980:166): “o apagamento de um segmento mórfico é mais provável do que o apagamento de um segmento não-morfêmico, se o morfema é redundante; por outro lado, o oposto é verdadeiro”. Assim sendo, o princípio da redundância aplica-se de forma evidente nos verbos do tipo *falal/falam* ou *falú*.

Ao proceder ao cruzamento entre as variáveis lingüísticas e entre as variáveis lingüísticas e sociais observamos que:

1. Com relação ao Grau de escolaridade e Classe morfofonêmica, verificamos que os pares verbais do 2º nível, ou seja, aqueles cujos segmentos fonéticos recebem acento em, pelo menos, um dos morfemas do elemento diferenciador, sobrepõem-se ao Grau de escolaridade. Por outro lado, o inverso é verdadeiro; o fator Grau de escolarização em nível crescente aumenta as correlações com a CV quando associadas às classes verbais do 1º nível.

2. No que concerne às variáveis Sexo e Escolaridade, homens e mulheres aplicam tanto mais a regra de concordância verbal quanto mais se eleva o grau de escolarização. Comprovado, pois, o pressuposto de que a escolarização se correlaciona com a aplicação da regra de CV.

Os resultados obtidos em Rio Branco foram comparados com outros de algumas regiões brasileiras (conforme Dissertação de Mestrado da qual este artigo é um resumo), permitindo-nos constatar que resguardados as características regionais e os objetivos de cada pesquisa, os resultados se aproximam entre si, com raras discrepâncias entre eles.

Com respaldo no cômputo geral dos resultados ora expostos, podemos finalmente concluir que a CV na fala dos riobranquenses da classe social baixa é regra variável correlacionada, de um lado, a variáveis lingüísticas: Posição do sujeito em relação ao verbo, Classe morfofonêmica dos verbos, Constituição morfológica do sujeito; de outro, a variáveis extralingüísticas: Sexo e Escolaridade do falante. Vimos, ainda, que duas ou mais variantes podem ser descritas e explicadas à luz dessas variáveis.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática do português*. São Paulo: Nacional: 1963.
- BRAGA, Maria Luiza e SCHERRE, Maria Marta Pereira. A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA 1º, 1976. *Anais...* Rio de Janeiro, PUC/RJ: 1976, p. 464-77.
- BORTONI, Stella Maris Ricardo. A concordância verbal em português: um estudo de sua significação social. In: *Ensaio de lingüística aplicada ao português*. Brasília: Thesaurus, 1981. p 79 - 101.
- CARVALHO, Raimunda Coelho de. *A concordância de número no sintagma nominal na fala urbana de Rio Branco*. UNICAMP/UNIR. Campinas: 1997, Dissertação de Mestrado, inédito.
- CUNHA, Celso Ferreira. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1975.
- DIAS, Epiphânio S. *Sintaxe histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica Editora, 1970.
- DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Dordrecht - Holanda: Foris Publication, 1989.
- GRACIOSA, Maria Diva. *Concordância verbal na fala culta carioca*. UFRJ, Rio de Janeiro, 1991, Dissertação de Mestrado, inédito.
- GRYNER, Helena. *A variação de concordância com verbos pessoais na cidade de Petrópolis*. Rio de Janeiro UFRJ, Faculdade de Letras: 1977. Dissertação de Mestrado, inédito.

- GUY, Gregory R. **Linguistic variation in Brazilian portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history**. Ph. D. Dissertation. University of Pennsylvania, 1981. 391 p. Inédito.
- HALLIDAY, Michael A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LEMLE, Miriam & NARO Antony J. **Competências Básicas do Português**. Rio de Janeiro, MOBRAL: Fundação Ford, 1977.
- MOTTA, Eremita Cunha Miranda. **Escolarização e variação linguística**. UNICAMP, Campinas: 1979. Dissertação de Mestrado, inédito.
- NARO, A. J. **The social and structural dimensions of a syntactic change**. *Language* 57 (1) 1981.  
 \_\_\_\_\_ et alii. **Relatório final de pesquisa: projeto subsídios do projeto "Censo" à educação**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1986. V I, II e III. Inédito.
- NEVES, M. H. M. **Uma visão geral da gramática funcional**. São Paulo, Alfa, 38: 109-127, 1994.
- NICOLAU, Eunice Maria das Dores. **A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolinguística**. Belo Horizonte: 1984. Dissertação de Mestrado, inédito
- NICHOLS, Johanna. **Functional theories of grammar**. *Annual Review of Anthropology*, 1984.
- NINA, Terezinha de Jesus Carvalho. **Concordância nominal/verbal do analfabeto da Micro-Região Bragantina**. Porto Alegre: 1980. Dissertação de Mestrado, inédito.
- PONTES, Eunice. **Sujeito: da sintaxe ao discurso**. São Paulo: Ática, 1986.
- RODRIGUES, Ângela Cecília de Sousa. **A concordância verbal no português popular em São Paulo**. USP, São Paulo: Tese de Doutorado, inédito.
- SANKOFF, David. **Varbrul version 2**. Programs. 1975.
- SCHERRE, Maria MARTA Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português**. Rio de Janeiro, UFRJ: 1988. Tese de Doutorado, inédito.  
 \_\_\_\_\_ & NARO, A. J. **Dois dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil**. D.E.L.T.A., vol. 9, n. 1, 1993
- SEBRAE. **Perfil sócio-econômico da cidade de Rio Branco**. Rio Branco: 1991.
- TARALLO, Fernando L. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.